

Cláudia Pereira



Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com Pós-Graduação em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB). Em 1981, associou-se a Candango Promoções Artísticas, através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que, há mais de duas décadas, cria campanhas publicitárias premiadas e consolida marcas fortes no mercado.

cpereira@brasiliamdia.com.br

EM SEU NOVO LIVRO, MILAN KUNDERA EXPÕE O VAZIO DA VIDA MUNDANA DA ERA CONTEMPORÂNEA.



A 31ª BIENAL DE SÃO PAULO TRAZ O INSÓLITO TÍTULO: "COMO FALAR DE COISAS QUE NÃO EXISTEM".



ESTA É UMA BIENAL FOCADA NO SOCIAL E TENTA PRODUIZIR TRABALHOS QUE POSSAM MOSTRAR ALTERNATIVAS E NOVAS MANEIRAS DE PENSAR.



TUDO ISSO PARECE SE ENCAIXAR NO CONCEITO DE PÓS-MODERNISMO, ARGUMENTO QUE SE SUSTENTA NA HIPÓTESE DE UMA QUEBRA RADICAL.



Fontes: Fredric Jamenson, in: Pós-Modernismo – A Lógica do Capitalismo Tardio; Marcio Rodrigo Almeida, in: Ilustrada – Folha de São Paulo, 19/7/2014; Bruno Yutaka Saito, in: Eu & Fim de Semana – Jornal Valor Econômico, 11/7/2014.

ILUSÃO Milan Kundera, o escritor tcheco, residente em Paris, que escreveu “A insustentável leveza do ser”, acaba de lançar seu novo romance, “A festa da insignificância”. Se na obra anterior ele falava da tormenta do totalitarismo e da aniquilação do indivíduo moderno, agora ele escreve sobre o hedonismo e a ilusão do individualismo e expõe o vazio da vida mundana da era contemporânea.

EFÊMERO Segundo o jornal Folha de São Paulo, o livro narra a vida, um tanto insólita, de cinco amigos em Paris: “(...) *Um de seus protagonistas vaga pelas ruas observando as moças de umbigo de fora. Ele acredita que a moda do umbigo de fora inaugurou uma era marcada pela repetição e o fim da individualidade, no qual a sedução feminina se concentra no umbigo*”. Em entrevista ao jornal El País, Kundera diz que “(...) *ao concentrar-se na atualidade, cria-se um sistema de esquecimento no qual a continuidade da cultura se transforma numa série de acontecimentos efêmeros, e a obra de arte se converte num gesto sem futuro*”.

COISAS QUE NÃO EXISTEM Enquanto isso, aqui no Brasil, está sendo preparada a 31ª Bienal de São Paulo, com o insólito título: “Como falar de coisas que não existem”. Um dos seis curadores da mostra deste ano, Charles Esche – escocês e diretor do Museu Van Abbe, na Holanda – informa que esta Bienal tenta medir a temperatura do hoje e refletir um mundo em que os paradigmas de diferentes áreas herdadas do século XX não nos servem mais.

DINHEIRO Charles Esche diz que “(...) *inicialmente, no século XX, o mundo era governado pela ideologia política. Desde 1999, a economia é hegemônica (...) e tudo é baseado nisso: se algo faz dinheiro, então é bom. Se não faz dinheiro, então não é bom. Isso acontece na educação, na cultura, em tudo. O melhor para o mundo seria um equilíbrio entre esses três pilares: política, economia e cultura, para que nem um nem outro domine*”.

NOVO PENSAR Esche entende que essa crise não se refere apenas à esfera da representatividade política ou dos questionamentos ao capitalismo dos últimos anos. As manifestações, que vão dos EUA, passando por Istambul e Brasil, são sintomas de que o mundo precisa mudar, mas não se sabe ainda como. Por isso, ele diz, “(...) *esta é uma Bienal focada no social (...) e tenta produzir e trazer trabalhos que possam mostrar alternativas e novas maneiras de pensar. São aspectos da experiência humana que ainda não estão presentes no mundo das decisões*”.

QUEBRA RADICAL Para o diretor do programa de pós-graduação em literatura da Duke University, nos EUA, Fredric Jamenson, “(...) *nos últimos anos, os prognósticos catastróficos ou redencionistas a respeito do futuro foram substituídos por decretos sobre o fim disto ou daquilo – fim da ideologia, da arte, ou das classes sociais; a crise da social-democracia, ou do Estado do bem-estar etc.*”. Na visão de Jamenson, tudo isso parece se encaixar no conceito de pós-modernismo, argumento que se sustenta na hipótese de uma quebra radical, cujas origens estão localizadas nas décadas de 1950 e começo de 1960, com o repúdio ideológico ou estético ao modernismo e seus movimentos, expressionista na pintura e o existencialismo na filosofia.

RUPTURAS O pós-modernismo, segundo Jamenson, consiste numa enumeração de mudanças e modificações. Se os modernos se preocupavam com o novo, os pós-modernos buscam rupturas. Segundo Fredric Jamenson, “(...) *o pós-modernismo desvia a atenção da economia, ao mesmo tempo em que permite que fatores econômicos e inovações mais recentes sejam recatologadas sob novo título (...) e a ideia de recatologar e transcodificar tem a função de reescrever todas as coisas familiares em novos termos e assim propor modificações, novas perspectivas e ideais, um reembaralhamento de valores e de sentimentos canônicos*”.

PÓS-MODERNIDADE Os estudos do professor Jamenson indicam que a tarefa ideológica fundamental do conceito de pós-modernidade “(...) *é a de coordenar as novas formas de práticas e de hábitos sociais e mentais e as novas formas de organização e de produção econômica que vêm com a modificação do capitalismo – a nova divisão global do trabalho – nos últimos anos*”. Trata-se de uma revolução cultural na escala do próprio modo de produção. Uma modificação sistêmica do próprio capitalismo em que o cultural e o econômico vivem uma contínua interação e em que tudo é mercadoria e consumo.